

Sandra S. F. Erickson. *A melancolia da criatividade na poesia de Augusto dos Anjos*. João Pessoa: Editora Universitária, UFPB, 2003, 243 páginas

Pablo Capistrano *

Produzir crítica literária é uma atividade de risco. São muitas as possibilidades de redução e fracasso, muitas as armadilhas que surgem no caminho da produção de um livro de crítica literária. O óbvio é a maior dessas armadilhas. Quando o crítico aponta para o óbvio no autor-objeto, ele acaba esvaziando o próprio trabalho e surge, no leitor, a pergunta: “para quê eu estou lendo isso? Melhor não seria ler o poema, o romance, a novela?”. Mas, a busca para fugir do óbvio no campo da crítica literária também tem seus riscos. Afastar-se demasiadamente do autor-objeto, ou do poema-alvo, é um outro risco da atividade crítica. Aproximar-se demais, afastar-se excessivamente, repetir o que já está dito, de um modo bem mais instigante no poema-alvo, tentar reescrevê-lo e subverte-lo e perder o foco e o motivo do próprio trabalho. Esses são riscos críticos que, para serem evitados exigem uma grande habilidade, uma boa dose de engenho e uma quantidade significativa de arte.

A professora Sandra Erickson consegue, com seu livro sobre Augusto dos Anjos, driblar essas armadilhas e, ciente de que a diferença entre o veneno e o remédio é a dosagem, oferecem um produto crítico de grande qualidade, que mantém o rigor da análise, a aproximação e o foco com o poema/poeta alvo sem, no entanto, perder-se no óbvio. Analisando três poemas de Augusto dos Anjos, “A Um Mascarado”, “Solilóquio de um Visionário” e “Versos Íntimos”, Sandra Erickson oferece o foco exato, necessário a prender-se à obra do autor, de modo a executar a tarefa crítica de pôr o trabalho de Augusto dos Anjos no seu devido lugar, no espaço do

* Doutorando PPGEL/UFRN. E-mail: pablo@pablocapistrano.com.br

cânone ocidental. Para cada poema analisado é aberta uma leitura da exegese convencional, oferecendo as visões ortodoxas da obra do poeta. Para cada poema Sandra Erickson oferece uma exegese revisionista. Um poderoso mecanismo de desleitura crítica que subverte a tradição interpretativa de Augusto e o dimensiona em um patamar proporcional ao seu valor literário.

Augusto dos Anjos não é apenas um poeta simbolista ou pré-modernista (a depender do rótulo da lata de conservas crítica de sua preferência); não é um doente melancólico terminal, um homem perturbado por qualquer tipo ortodoxo de psicopatologia clínica que possa retirá-lo da qualidade literária. Não é também simplesmente um poeta de adolescentes revoltados, que amam decorar seus versos e recitá-los em momentos de embriaguez em ônibus lotados (coisa que eu já tive o prazer de fazer mais de uma vez). Augusto não é um mero ancestral brasileiro de Robert Smith ou Ian Curtis, patrono dos Góticos pós-modernos e dos *Darks* pálidos que na nomenclatura da fauna atual foram configurados como EMOs. Augusto é um poeta forte. Um poeta que exercita com domínio e consciência a sua desleitura particular da tradição clássica da grande poesia em língua latina e grega. Augusto senta a mesa com Plutarco e Píndaro. Trata-os de igual para igual e, na hora do vacilo, rouba-lhes as chaves poéticas que permitem que sua obra se coloque no hall do cânone do ocidente.

A exegese não convencional de Sandra, longe da ortodoxia crítica e da recepção pouco condizente dada ao poeta pela crítica do “sul maravilha”, aponta para essas relações e para as conexões que não são visíveis na superfície dos poemas. Ai está o domínio do foco que a autora utiliza para aproximar-se dos seus poemas-alvo e redimensionar a fortuna crítica sobre a obra de Augusto dos Anjos.

Nesse movimento de aproximação Sandra Erickson se desvia do risco do vazio no qual em muitos momentos uma atividade de crítica literária pode cair quando, por erro no ajuste da lente, abrimos demais o horizonte de visão e acabamos por deixar borrado o personagem da nossa fotografia. Mas, ao se aproximar dos três poemas de Augusto, a professora Sandra Erickson também se

afasta de um outro risco, que é o de dizer apenas o óbvio, o já dito, o já expresso, de um modo mais instigante no poema-alvo. Nessa aproximação, a autora aplica as lições de Harold Bloom e consegue enxergar o universo que habita os três poemas de Augusto, abrindo o espaço para a discussão e para o diálogo com outros poemas. Nesse movimento, de aproximação e expansão a medida de desvio dos riscos de toda crítica literária parece ser encontrada e a dose certa de exatidão e de amplificação da leitura pode se encontrar.

Bloom não é apenas um crítico literário. Ele é um pensador da literatura. Alguém que ofereceu, a partir de Hegel, Freud e Shakespeare uma alternativa hermenêutica ao estruturalismo franco-alemão. Quando Friedrich E. D. Schleiermacher traduziu os “Diálogos” de Platão para a língua alemã e explicitou o seu método de trabalho nos seus discursos acadêmicos de 1829 (sobre o conceito de hermenêutica, com referencia às indicações de F.A. Wolf e ao Compêndio de F. Ast), acabou por instigar uma leitura particular da idéia de Círculo Hermenêutico, proposta pelo próprio Ast em 1808 (*Linhas Básicas da Gramática e da Hermenêutica Crítica*). Schleiermacher, ao tentar traduzir Platão, se deparou com um problema clássico: como ordenar os diálogos? Poucas eram as informações históricas disponíveis que pudessem indicar qual a seqüência em que os diálogos de Platão haviam sido escritos. Isso gerou o consenso de que, ordená-los em seqüência, a partir dos escritos por Platão na juventude até o momento da velhice seria uma tarefa impossível. Schleiermacher realizou essa tarefa e desenvolveu a idéia de uma divisão tríplice das obras de Platão. Seu método de exegese é explicado nos seus discursos acadêmicos de 1829 e serviu para gerar o intencionalismo hermenêutico que, em última análise se situa como o ancestral imediato das correntes críticas de matriz estruturalista.

Schleiermacher acreditou encontrar, no próprio texto de Platão, as chaves para identificar a ordem correta dos diálogos. Sem a necessidade de se apelar para uma grande quantidade de informações externas, o filólogo alemão teria tido uma espécie de “acesso privilegiado” à mente de Platão a partir de seu texto. Essa

“sensação hermenêutica” de comunhão com a mente do autor através do texto, que simula uma penetração no orifício mental do autor objeto através da introdução de um falo Hermenêutico plastificado com um suporte lingüístico, gerou a idéia de que, para se ler um autor é preciso se ler apenas o autor. Para se entender o que um autor quer dizer quando escreve algo, é preciso recompor as etapas do pensamento desse autor a partir do seu texto, para que a experiência mental de produção desse texto possa ser re-experimentada pelo intérprete. Nesse momento de comunhão quase sexual o crítico, exegeta, tradutor, adentraria na mente do autor de seu texto-alvo, e compreenderia sua linguagem e suas intenções ao escrever uma obra.

Esse delírio hermenêutico arrastou uma boa parte da crítica literária a jurar, de pés juntos, que a melhor maneira de se ler um poema é lendo apenas o poema e que, as chaves interpretativas, tal qual na visão bíblica de Lutero, estavam no próprio texto, sem a necessidade de se recorrer a nenhum corpo da tradição. Não é difícil saber por que Schleiermacher pensava assim, afinal, dentro da tradição da hermenêutica protestante, a bíblia é *sui ipsus interpres* (ou seja, a sua própria chave) de modo que apelar a qualquer tradição externa ao próprio texto soaria como um submeter-se a tirania católica que impunha um cânone extra bíblico.

A intuição hermenêutica de Bloom se distancia de idéias intencionalistas, tentando oferecer uma alternativa às correntes críticas estruturalistas. Sua “angústia da Influência” não pode ser vista apenas como uma mera ferramenta útil para a crítica literária, mas como uma inserção na discussão hermenêutica de Doysen, Dilthey, Habbermas, Heidegger e Gadamer. Neste sentido, a desleitura proposta pelo professor de Yale é uma leitura de relações entre textos. A idéia básica é a de que um poema não pode ser visto como uma totalidade fechada, uma “mônada” que permite ao intérprete ter uma passagem privilegiada para a mente do autor. Um texto é um pedaço de um sistema de textos que se interligam em relação a um determinado referencial canônico forte. Sob esse aspecto ler algo, é reler algo que já foi escrito e que está presente, de

vários modos no que se lê. A tarefa interpretativa não é apenas a de “recompor os passos do autor no texto” a fim de “experimentar seus processos mentais” e compreender sua intenção ao produzir aquele texto. A tarefa interpretativa é a de situar um texto em uma rede de textos anteriores e identificar as marcas, as pistas, as manchas de textos antigos nos textos presentes. Encontrar as linhagens poéticas às quais um autor pertence e identificar seu pai-poético e compreender o modo de relação desse poeta filho com esse poeta pai, espectro definitivo que se encontra por trás de cada texto, quer seja de literatura ou de filosofia.

Sandra Erickson não apenas mergulha no texto de Augusto dos Anjos. Ela sabe dos ricos que uma leitura intencionalista pode produzir e quais as impossibilidades que esse tipo de prática hermenêutica gera. Ela aporta nos poemas que pretende analisar para realizar a desleitura de Bloom e enxergar, no texto de Augusto dos Anjos, as marcas do cânone. As linhagens das tradições clássicas. Nesse sentido, ao se aproximar de seu poema-alvo, Sandra Erickson se afasta do seu alvo, para vê-lo em um movimento dialético, de perto, em sua particularidade, apenas como um mote para aplicar seu leque de interpretação sobre as tradições poéticas ocidentais. A lição hermenêutica de Bloom foi bem incorporada nesse livro que traz também o mérito de oferecer uma importante discussão introdutória da “ansiedade da influência”.

No segundo capítulo do livro, após oferecer um painel histórico sobre a recepção crítica à obra de Augusto dos Anjos, Sandra Erickson oferece um mapa da desleitura. Um painel teórico de discussão sobre o projeto de Bloom. Ela oferece uma chave para se compreender os movimentos de desleitura protagonizados pelos autores em seu conflito com os pais fundadores de suas linhagens poéticas ou filosóficas. A ligação entre as chamadas razões revisionárias de Bloom e os tropos retóricos são explicitados através de um quadro que identifica cada movimento apontado por Bloom com cada um dos seis tradicionais tropos retóricos: ironia, sinédoque, metonímia, hipérbole, metáfora, metalepse. Cada um desses tropos retóricos se conecta a uma defesa psíquica específica

que o autor neófito monta contra a influência do espectro de seu pai poético. Essa relação expressa duas presenças psíquicas fundamentais o complexo de Édipo (o desejo de castrar o pai como na relação Urano-Cronos-Zeus na mitologia grega) e a ansiedade de castração como no tropo bíblico no qual o mandamento familiar fundamental é o de honrar pai e mãe. As defesas psíquicas equacionadas expressas por Bloom trazem a marca desses dois movimentos psicológicos, o desejo de superação do pai-poético como na tradição da titanomaquia grega, e da ansiedade de ser destroçado e por esse pai-poético. Nesse sentido as marcas freudianas do romance familiar que deu origem a psicanálise surgem em Bloom. Culpa, vergonha, medo, ira, inveja. Sensações conflitantes que oscilam entre o desejo de usurpar o lugar do pai e o respeito reverencial a sua figura.

Sob esse aspecto as razões revisionárias de Bloom (*Clinamen*, *Tessera*, *Kenosis*, *Demonização*, *Askesis*, *Apófrades*) marcam os sinais de uma reação psíquica presente no texto, mas essa reação não se reduz apenas a um momento subjetivo do autor, uma intenção psicológica que deve ser sondada pelo intérprete. Sandra Erickson mostra de modo bastante apurado que há um tropo retórico ligado a mecanismos psicológicos específicos, e que esses tropos retóricos abrem espaços para movimentos hermenêuticos de desleitura criativa. Sob esse aspecto, podemos entender Bloom como um crítico literário da virada lingüística. Um pensador da literatura que entende as chaves hermenêuticas que podem apontar para rede de relações entre os textos, porque o signo não mostra nada de mais profundo no abismo interior de quem o produz. O signo mostra outro signo que atravessa outros e outros abismos. Assim, o exercício de desleitura dos poemas de Augusto dos Anjos, não nos leva a mergulhar no mais profundo de alguma caixa secreta na qual o poeta guarda alguma patologia mental (como as leituras rasteiras e psicologizantes podem fazer pensar). O mergulho no poema leva a um oceano de outras referências e a um sobrevôo de relações entre textos que situam Augusto na rede de leituras, releituras e desleitura do próprio Cânone Ocidental.